

## A IMIGRAÇÃO ITALIANA PARA SÃO PAULO E PARA BELO HORIZONTE: AS TRANSFORMAÇÕES NAS CIDADES E A ASCENSÃO DO FUTEBOL (1894-1921)

Rodrigo Caldeira Bagni Moura<sup>1</sup>

### São Paulo e Belo Horizonte na transição do século XIX para o século XX

São Paulo e Belo Horizonte, nas primeiras décadas do século XX, estavam começando seus processos de urbanização. As duas cidades cresciam exponencialmente e aumentavam seus contingentes populacionais com a chegada de imigrantes e pessoas provenientes de várias áreas do país, enfrentavam problemas básicos de infra-estrutura típicos de lugares em construção.

Ao mesmo tempo, que encontramos algumas semelhanças, é possível notar também diferenças bem significativas quanto ao processo de constituição das duas cidades. A cidade de São Paulo que até o século XIX era entreposto comercial ganhou importância no decorrer do século XX, sobretudo pelo crescimento econômico do estado proveniente principalmente da cafeicultura, como revelou os estudos de QUEIROZ (2004, p.15), para quem as mudanças na cidade de São Paulo, que culminaram com a metropolização, não foram tão repentinas como se poderia pensar até a cidade atingir a posição de maior centro urbano do hemisfério sul, o mais populoso e o mais importante economicamente. Para a autora:

*Na verdade, o preparo para elas pode ser divisado no final do século anterior, quando a então Capitania de São Paulo, consegue integrar-se em uma economia de mercado, cultivando cana e exportando açúcar. Essa atividade repercutiu fundamente na evolução histórica do futuro Estado, pois preparou a infra estrutura necessária à produção de café, aquela que realmente lhe traria grande projeção. A medida que o Exterior começou a reclamá-lo em quantidades crescentes, a agora*

---

<sup>1</sup> Doutorando em História comparada pela UFRJ, membro do Grupo SPORT – Laboratório de História do Esporte e do Lazer da UFRJ.

*província foi enriquecendo no mesmo ritmo. Embora as estatísticas apresentadas pelas fontes sejam dissonantes, em 1885 São Paulo já detinha cerca de 40% da produção nacional. A lavoura cafeeira seria a responsável, em última instância, pelas grandes transformações que então ocorrem. Como se sabe as ferrovias foram criadas para atendê-la seguindo em seu traçado a expansão das frentes agrícolas pioneiras. Com isso tiveram um efeito multiplicador acelerando o dinamismo da economia e atraindo gente de todas as partes. Como se sabe também não foram só brasileiros de outras plagas que chegaram. Ante a desarticulação do escravismo e a necessidade de braços para a lavoura, a solução preferida pelos paulistas foi atrair o imigrante, notadamente o europeu, que ocorreu em números crescentes desde a década de 1870 até o início da década de 1920, momento a partir do qual, a imigração europeia foi arrefecendo.*

Belo Horizonte, por sua vez, foi planejada para substituir a antiga capital Ouro Preto. A construção da Nova capital de Minas Gerais iniciou-se em 1894 e a cidade foi inaugurada em 1897. Ao traçarmos um paralelo entre as duas capitais é importante salientar que São Paulo, que não foi uma cidade planejada, precisou passar por uma radical intervenção urbana e que a construção da cidade deu-se em função das contingências do povoamento desordenado em uma sociedade marcadamente desigual. No caso belo-horizontino, a cidade planejada com ruas largas, e que para seus idealizadores deveria ser sinônimo de modernidade, era incompatível com os hábitos provincianos da sua população composta em grande parte por funcionários do estado vindos de Ouro Preto, do interior do estado, mas também de imigrantes de origens diversas. Segundo JULIÃO (2011, p.114), em um artigo intitulado "Sensibilidades e representações urbanas na transferência da capital de Minas Gerais":

*A construção de uma cidade moderna, Belo Horizonte, para sediar a Capital de Minas Gerais, logrou inscrever no espaço as marcas do poder republicano que ascendia no Brasil, em substituição à antiga Ouro Preto, sede de governo e símbolo incontestável do domínio colonial e da administração da Monarquia recém destituída. As imagens urbanas evidenciadas no discurso político, em crônicas, notícias de jornais, pequenos gestos de recordação ou mesmo escritas literárias são expressivas de uma nova sensibilidade urbana que emerge no processo de transferência da Capital. Eram sentimentos e percepções que oscilavam entre temores, saudosismos e encantamentos provocados pelo movimento simultâneo de abandono e invenção de uma cidade-capital. Muitas dessas imagens se incorporaram ao imaginário urbano e ainda hoje contribuem para as formulações identitárias de ambas as cidades – Ouro Preto e Belo Horizonte.*

Na construção identitária de Belo Horizonte e de São Paulo destacam-se as marcas do poder republicano querendo inscrever no espaço urbano a arquitetura e o traçado que

rompesse definitivamente com as lembranças da monarquia. Entretanto, um grande desafio estava colocado, que era como preparar as pessoas que chegavam para habitar as duas cidades e que não estavam acostumadas com as práticas modernas que o novo contexto urbano poderia oferecer. Na citação de SEVCENKO (1992, p.39) abaixo é possível construir uma representação do que era São Paulo na passagem do século XIX para o século XX:

*Nesse quadro, estabelecido pela expansão internacional da economia cafeeira, a cidade de São Paulo, subproduto imprevisto e até inoportuno dessa evolução, aparece aos agentes desgarrados e itinerantes enredados nela, como a possível bóia salva-vidas no desconhecido naufrágio que os flagelara. Desenganados das falácias do “ouro verde”, da “sociedade livre”, da “economia competitiva”, pela realidade restrita da monocultura extensiva, esses homens e mulheres das mais variadas culturas e extrações sociais, buscariam em São Paulo uma válvula de escape, um abrigo temporário ou, no melhor dos casos, uma segunda chance, na indústria ou nos serviços. Para os negros, desde os últimos tempos da escravidão, a cidade era um foco de quilombos e agitação abolicionista, onde o ar recendia a liberdade. Mas a discriminação, a competição em condições desvantajosas com os imigrantes e a brutal repressão policial cedo anuviaram esta perspectiva. Aos caipiras, acucados e pressionados pelo avanço das fazendas, a demanda crescente da cidade poderia oferecer uma alternativa de pequenos serviços e vendas, muito limitados porém, dados os custos implicados pela concorrência dos “chacareiros” imigrantes, pelos controles oficiais do acesso aos mercados e pela ação inelutável dos açambarcadores. Aos imigrantes, em boa parte coligados em comunidades de patrícios, nos casos ainda mais infelizes, em Associações de Ajuda Mútua, União Operárias, sindicatos ou círculos paroquiais, a situação nem por isso era promissora. Defrontados com jornadas de dez, quatorze ou dezesseis horas de trabalho, preferencialmente propostos a mulheres e crianças, salários congelados, custo de vida e aluguéis em escalada permanente e completo desamparo legal, sua vida na cidade pouco diferia das fazendas de que se haviam se esquivado. Mais do que o mito de Babel, nessa ordem de metáforas, São Paulo para estes grupos evocaria o Cativo da Babilônia.*

Nesses cenários de mudanças, de novas práticas e de novos hábitos também havia espaço para as permanências, para as resistências e para a tradição, tanto em São Paulo quanto em Belo Horizonte. Entretanto na capital mineira tudo indica que as resistências aos novos hábitos foram maiores que na realidade paulistana. Segundo RIBEIRO (2008, p. 129):

*Na imprensa local ganhava força a imagem de uma dicotomia que perpassava Belo Horizonte e que se referia ao fato de que o espaço urbano traçado sob orientação de preceitos modernos abrigava população de perfil interiorano e atrasado. Tal visão era corroborada por inúmeros relatos de fracassos em empreendimentos de lazer ao longo dos primeiros anos da nova capital.*



Em São Paulo, também é possível que houvesse resistências, no entanto, tudo indica que as mesmas se esvaíram rapidamente e, embora nem todos tivessem acesso às benesses da modernidade, uma aspiração pelo novo parece ter tomado conta do cotidiano ou do imaginário do paulistano. Segundo SEVCENKO (1998, p.33) “O antigo hábito de repousar nos fins de semana se tornou um despropósito ridículo. Todos para a rua: é lá que a ação está”. E desta forma uma diferença marcante entre os habitantes de Belo Horizonte que recusavam o convívio social nas ruas, parques e praças públicas, contrapondo-se ao entusiasmo desenfreado dos paulistanos pela diversão ao ar livre, o deslumbramento das novas formas de diversão e dos novos ritmos impingidos pelos novos tempos.

As capitais dos estados de São Paulo e de Minas Gerais, dois importantes estados para a economia e para a política nacional, e que no decorrer do século XX se tornaram os dois principais estados da federação, ao estabelecerem suas organizações espaciais pautavam-se e tinham como paradigma as cidades européias, consideradas como ícones da modernidade almejada pelas elites nas duas cidades.

Segundo Margareth RAGO (2004, p.392):

*Na belle époque paulistana, muitos buscavam novas formas de convívio e diversão. Inspirando-se em hábitos europeus, principalmente importados da Paris haussmaniana, os paulistanos passavam a frequentar espaços que espelhavam o requinte da sociabilidade europeia, como teatros, cinemas, restaurantes e cafés. Participavam de saraus literários e de audições musicais, no ambiente das elites, ou no centro de cultura social dos meios operários. Competições esportivas de natação, remo e ciclismo, promovidas pelos clubes recreativos privados passavam a ser valorizados, como formas de libertação do corpo e como meios pelos quais a sociedade podia identificar-se como moderna. A vida social fechada nas fazendas e restrita às missas era substituída pela busca cada vez mais constante das ruas e praças, dos passeios e encontros na esfera pública, da vida em sociedade que se constituía referenciada pelos padrões do mundo dito civilizado.*

Se em São Paulo, como revelou a passagem acima, o ritmo das mudanças foram rápidos e intensos e uma parte significativa da população conseguiu adequar-se as transformações nos seus modos de vida, em Belo Horizonte esse processo de adaptação à nova capital e as suas possibilidades tiveram um ritmo muito mais lento quando comparados a capital do estado de São Paulo. Segundo RODRIGUES (2006, p.81):

*Assim, a cidade moderna “sonhada” vai se constituindo aos poucos não somente numa cidade real, fruto dos interesses dos produtores oficiais do espaço que procuravam intervir em todas as esferas da sociedade nascente, propondo práticas sociais em conformidade com os valores do mundo moderno, já pautadas por segregações que se faziam notar, mas também numa cidade “real” vivida por seus antigos e novos moradores que, de acordo com seus interesses, iam se apropriando dos seus espaços e valorizando tanto os velhos, como criando novos valores. Os divertimentos na cidade, sempre raros como destacam as notícias dos jornais, foram se constituindo, nas suas duas primeiras décadas, por meio de circos e companhias eqüestres, passeios no parque, touradas, teatro, bares, clubes, footings e, posteriormente, o cinema, mas não como direito de todos.*

Não é que Belo Horizonte não tivesse espaços destinados ao divertimento da população, pois na planta de construção da nova capital, já existiam praças, estabelecimentos para espetáculos e o parque municipal, além de espaços reservados a prática esportiva. Segundo RIBEIRO (2008), “A convivências pública não parecia ser característica da sociedade local que, apesar das instalações propostas no plano da nova capital, preferia manter encontros privados, em espaços restritivos”. Desta forma, as pessoas optavam por reunir-se nas suas casas, onde o convite que era feito para amigos íntimos restringia a possibilidade de novas interações e novas amizades que ampliassem as redes de sociabilidade.

Em São Paulo as pessoas buscavam novas atividades no tempo livre. Segundo SEVCENKO (1998, p.33):

*Não é que repousar não seja mais viável, é que se tornou uma obsolescência, uma caduquice. Não é descansando que alguém se prepara para a semana vindoura, é recarregando as energias, tonificando os nervos, exercitando os músculos, estimulando os sentidos, excitando o espírito. Sob o epíteto genérico de “diversões” toda uma nova série de hábitos, físicos, sensoriais e mentais, são arduamente exercitados, concentradamente nos fins de semana, mas a rigor incorporados em doses metódicas como práticas indispensáveis da rotina cotidiana.*

É importante salientar que se em São Paulo as pessoas aderiram mais rapidamente aos novos hábitos e formas de diversão, em Belo Horizonte como demonstrou a tese de RODRIGUES (2006), os habitantes da capital mineira foram, no decorrer das duas primeiras décadas do século XX, ocupando progressivamente os espaços da cidade e adquirindo gosto pelas novas formas de diversão que a cidade começou a oferecer, dentre elas o esporte, e mais especificamente o futebol.

*O football em Belo-Horizonte já se infiltrou inegavelmente em todas as camadas sociais. Nos stadiums, ao ensejo de partidas, não se nota apenas essa ou aquela determinada classe. Os jogos são assistidos por todos: o magistrado circumspecto e o propagandista bisbilhoteiro. Se antigamente era extraordinário a presença do elemento feminino, hoje os campos de football tornaram-se um ponto elegante, onde as toilettes se exibem para o desfile do luxo e da vaidade. O football é sem duvida o esporte favorito<sup>2</sup>. (grifos meus)*

Em São Paulo o futebol também era uma manifestação que já estava amplamente difundida e consolidada na cidade na década de 1920. Várias equipes disputavam os campeonatos que se tornavam cada vez mais atrativos e com competições a cada dia mais acirradas, como parte da indústria do entretenimento. O campo esportivo aperfeiçoava seus modos de espetacularização da modalidade, com interesses econômicos e políticos associados ao esporte a cada dia mais evidentes.

Pretendo ao operar com o método da história comparada trazer uma perspectiva histórica mais ampla e extrapolar os estudos locais e regionais, postura que segundo THEML e BUSTAMANTE (2004, p.2) era proposta por Bloch para quem:

*O método comparativo tinha o mérito de possibilitar ao observador afastar-se do seu próprio ponto de observação e, ao ultrapassar o caráter individual e único de cada sociedade observada, permitir a passagem da descrição para a explicação de processos históricos, sistematizando assim conhecimentos. Entretanto, a História Comparada na perspectiva de Bloch, atinha-se a espacialidades próximas e a uma mesma temporalidade. A maioria das tentativas feitas no sentido da História Comparada se fundamentava em “comparar o comparável”, em que o conceito de comparação estava necessariamente atrelado a estas fronteiras e/ou períodos tradicionais, confrontando-se preferencialmente sociedades vizinhas, de mesma natureza e coetâneas.*

Dessa forma, considero de suma importância uma pesquisa utilizando o método da história comparada sobre os italianos em Belo Horizonte e em São Paulo. Conhecer como era a vida dessas pessoas, quais eram suas diversões, qual o papel do futebol na cultura dos italianos que viviam nas respectivas cidades anunciadas.

---

<sup>2</sup>Arquivo da Imprensa Oficial. Minas Gerais - Sabbado, 1 de Agosto de 1931, p.10.

É importante ressaltar que existe uma dissertação de mestrado sobre o Palestra Itália de São Paulo, intitulada “Imigração e futebol: o caso Palestra Itália<sup>3</sup>”, de autoria de José Renato de Campos Araújo, e que demonstrou a grande importância que a colônia italiana teve no Brasil. O autor enfatizou que os italianos tiveram uma atuação crucial para a sociedade brasileira, especialmente, por terem vindo para o nosso país como um imenso contingente de trabalhadores, destinados a substituírem os negros africanos na zona rural e nas áreas urbanas. Na transição do século XIX para o XX, com a crescente urbanização do país, os italianos também ocuparam papel preponderante no comércio, na construção civil e em diversos setores da sociedade.

O recorte temporal para o presente texto abrange o ano de 1914, ano de fundação do Palestra Itália de São Paulo, até 1921, ano que marca a fundação do Palestra Itália em Minas Gerais. Na sequência do estudo focalizarei a imigração italiana para as referidas capitais.

### **A imigração italiana para Belo Horizonte e para São Paulo**

A colônia italiana começou a estabelecer-se em São Paulo e em Belo Horizonte<sup>4</sup> na primeira metade do século XIX<sup>5</sup>. Segundo MONTEIRO (1994), São Paulo com o objetivo de prover de mão de obra as plantações de café abriu bem cedo as suas portas as correntes imigratórias. Minas Gerais, com um fluxo imigratório menor neste momento, se comparado à São Paulo, encaminhava os imigrantes para a formação de núcleos coloniais que não atingiram os objetivos de povoamento e nem em relação à mão de obra. “Minas com uma

---

<sup>3</sup> ARAÚJO, José Renato de Campos. Imigração e futebol: O caso Palestra Itália. Dissertação (Mestrado). Campinas, SP, 1996.

<sup>4</sup> Belo Horizonte foi construída e planejada para ser a nova capital de estado de Minas Gerais. Em 1894, foi nomeada uma comissão de técnicos para a sua construção e a inauguração da cidade ocorreu em 1897, a frente do projeto estava Aarão Reis. O projeto para a cidade de Belo Horizonte idealizava uma ruptura com o passado político, econômico e, sobretudo, arquitetônico de Ouro Preto.

<sup>5</sup> Segundo RODRIGUES (1981, p.34) “no período de construção da nova capital, o governo de Minas Gerais, interessado em aumentar a disponibilidade de mão de obra sobretudo para os setores da construção civil e do abastecimento, organizou um programa com o intuito de viabilizar a vinda de imigrantes europeus. Em 1892, o governo mineiro passou a conceder passagens àqueles que se comprometessem a aqui ficarem. O Estado, então, passou a organizar a criação de núcleos coloniais e venda de loteamentos agrícolas com preços especiais para imigrantes”.

população de 3.184.000, tinha apenas 1,49% de estrangeiros, enquanto São Paulo com 1.384.753 habitantes, registrava a presença de 5,4%”. (MONTEIRO, p.54)

MONTEIRO (1994) afirma que apesar do desenvolvimento da corrente imigratória para São Paulo, após a implantação da república foi o estado de Minas Gerais que estabeleceu uma repartição no exterior para trazer os imigrantes para o seu território.

De acordo com MONTEIRO (1994, p. 76):

*Foi a corrente italiana a que mais se impôs em Minas. Embora outras origens européias, como portuguesa, alemã, austríaca, francesa, suíça, e até mesmo escandinava, além da açoriana, fossem também solicitadas, a escolha do agricultor mineiro recaía sobre o italiano, principalmente o da Alta Itália. Sua adaptação aos costumes do país era difícil. Eram os italianos considerados excelentes trabalhadores, acomodando-se com relativa facilidade ao sistema de meação ou parceria. Era a influência de São Paulo. A utilização, quase com exclusividade, do imigrante italiano na lavoura paulista estava ocasionando resultados realmente positivos. O italiano era não só útil como mão de obra, mas atendia, também como elemento colonizador.*

Contudo, essa vinda dos italianos para o Brasil não foi isenta de dificuldades, resistências e conflitos. Embora, como apontou LE VEN (1977, p. 78), mesmo que a imigração de europeus para o país fizesse parte, na época, da política oficial do poder público, tanto na esfera nacional como regional, diversas críticas ao aliciamento de cidadãos europeus, para vir para o Brasil, começaram a surgir, pois segundo os opositores “o estado, e a comissão construtora em particular, não conseguiu controlar o movimento, ou por excesso de zelo, em chamar os imigrantes, ou por pressão da própria demanda” (LE VEN, 1977, p.78).

O jornal o PHAROL, de Juiz de Fora, de 12 de Dezembro de 1895, citado por Abílio Barreto, assim acusou o Governo do Estado:

*Pela indignidade de mandar seduzir e alliciar na Europa, pobres imigrantes, milhares de operários, de jornaleiros que vieram enganados, tendo-se lhes prometido emprego constante e bem remunerado para depois deixal-os ao abandono, ao relento, sem agasalho, na miséria e sem lhes ter pago os salários<sup>6</sup>.*

---

<sup>6</sup> BARRETO, Abílio. 1936, p.397.

Nesse sentido, a Tribuna Italiana, de 27 de Janeiro de 1895, denunciou a volta de operários italianos, por não terem achado emprego em Belo Horizonte. Segundo LE VEN (1977, p.78), “A questão interessava principalmente aos italianos que vieram em maior número e foram os operários mais combativos na nova população operária”.

Entretanto, interesses particulares podem ter interferido nestas críticas. É possível que os opositores da mudança da capital, de Ouro Preto para Belo Horizonte, tenham ficado ressentidos com a construção da nova capital e tenham adotado a conduta de se posicionarem a espreita, como observadores atentos, para desferirem suas críticas. No entanto, penso que esses fatos devem ser melhor investigados, pois se há indícios desse movimento de volta para Itália, os mesmos devem ser analisados.

Os italianos criaram em Agosto de 1897, antes da inauguração da nova capital mineira, a “Sociedade Italiana de Beneficência e Mútuo Socorro<sup>7</sup>”, que para LE VEN (1977, p.82), é “um exemplo significativo da integração ocorrida, entre os grupos imigrantes e a sociedade belorizontina em formação”. Entretanto, de forma oposta ao argumento apresentado por LE VEN (1977), analiso que os italianos criaram uma sociedade para defender os seus interesses pela necessidade de protegerem-se numa sociedade hostil, que não permitia que as diferenças fossem respeitadas. A elite belo-horizontina não desejava misturar-se com os pobres, e nem com as pessoas de outras descendências<sup>8</sup> como: os italianos, espanhóis, austríacos, alemães e franceses.

Para LE VEN (1977, p.86-87), os italianos foram os primeiros a se organizarem como grupo social em Belo Horizonte. “As condições exigidas para se tornar associado da Sociedade Italiana de Beneficência e Mútuo Socorro eram a nacionalidade italiana e a residência em Belo Horizonte. Não havia, pois, nenhuma restrição quanto ao nível sócio-econômico, religião ou ideologia dos participantes”.

---

<sup>7</sup> De acordo com LE VEN (1977, p. 82) “A Sociedade Italiana Beneficente de Mútuo Socorro foi o prelúdio de outras associações de caráter religioso, desportivo, reivindicatório e político partidário”. Essa associação resultou da ação de alguns líderes, entre eles o Sr. Alfredo Ardui, primeiro correspondente consular, “conscientes que só através da união poderiam se ajudar” (LE VEN, 1977, p. 86). O objetivo da Sociedade Italiana Beneficente de Mútuo Socorro era o amparo dos italianos radicados na cidade.

<sup>8</sup> Segundo LE VEN (1977, p.79), “Quando em dezembro de 1897 inaugura-se a capital, já se acham instaladas ali 31 famílias perfazendo um total de 185 indivíduos”. Sendo 71 desses indivíduos, ou 38,4% deles, italianos de nascimento.



Através do depoimento de Carlos Miranda, Nadir Abritta e Silvia Bonfioli, cedidos a COUTO (2003, p.113), foi possível perceber que o futebol, ao mesmo tempo, que, contribuía para integrar os italianos e os belo-horizontinos, também era motivo de desavenças<sup>9</sup>, e gerador de desentendimentos entre os mesmos<sup>10</sup>. Segundo COUTO (2003, p.114):

*Pode-se pensar, então, que a construção da integração social e conseqüente construção de uma identidade italiana em torno do futebol sinalizava, a existência de uma contraposição a um certo grupo que compunha a elite tradicional da cidade.*

### **O futebol vivido por imigrantes italianos e por descendentes de italianos em Belo Horizonte e em São Paulo (1914-1942)**

O Palestra Itália foi fundado originalmente em São Paulo em 1914, para ARAÚJO (1996) que escreveu a dissertação intitulada “Imigração e futebol: o caso Palestra Itália”, o principal entrave para a realização do seu trabalho foi a natureza das fontes encontradas, relativas aos primeiros anos de fundação desta entidade, pois o autor revelou que a fonte disponível foi o parecer oficial desta instituição encontradas principalmente em publicações comemorativas.

Segundo COUTO (2003), a *Societá Sportiva Palestra Itália* de Belo Horizonte foi fundada no dia 2 de Janeiro de 1921, em uma reunião na fábrica de artigos esportivos Agostinho Raniere, tendo o estatuto do recém fundado clube mineiro sido inspirado no estatuto do Palestra de São Paulo, fundado em 1914.

Para André CAPRARO (2011), os palestras fundados em São Paulo em 1914 e em Belo Horizonte em 1921 foram, além de times de futebol, também pontos de encontro dos

---

<sup>9</sup> Carlos Miranda, no seu depoimento cedido a COUTO 2003, p.114, assim se referiu aos italianos e ao surgimento do Palestra: “A mentalidade dos italianos era muito diferente dos mineiros. Eles possuíam um espírito empreendedor, enquanto os mineiros eram muito mais acomodados. Em uma cidade que estava começando, aquilo era fundamental. As empresas italianas cresceram muito rápido e incomodavam os comerciantes locais. Quando surgiu o Palestra, eles fizeram tudo para atrapalhar. Foram muitas as vezes em que os juízes roubaram para o Atlético e para o América”.

<sup>10</sup> Por outro lado, Cidinho “Bola Nossa”, em depoimento, também cedido a COUTO, 2003, p. 114, relatou que ao tentar jogar no Palestra em 1926 percebeu que, se não fosse filho de italiano, não conseguiria pertencer ao time.

imigrantes italianos, estabelecendo relações diferenciadas com os brasileiros habitantes de São Paulo e de Belo Horizonte. Segundo o autor, em entrevista cedida a Pedro Paulo Malta para a Revista de História da Biblioteca Nacional.

*Em comum, tinham como associados imigrantes italianos de classe média. Mas, já nos primeiros anos de existência, também havia diferenças sutis em relação à popularidade dos dois clubes: a colônia italiana era a maior de São Paulo, muitos haviam rapidamente migrado da zona rural para a cidade, e o clube contava com o apoio, mesmo que informal, do conglomerado industrial de Francesco Matarazzo (1854-1937); já no caso do mineiro, embora fundado pela colônia italiana, recém estabelecida em Belo Horizonte, o clube rapidamente abriu suas portas para a população, inclusive trabalhadores braçais como pedreiros, carroceiros, marceneiros etc. (Ano 6, Num. 72, p. 34, Setembro de 2011)*

Com relação à citação acima é possível afirmar, a partir dos estudos de LE VEN (1977), de MONTEIRO (1994), de BIASUTTI (2003) e de uma série de fontes disponíveis no Arquivo Público Mineiro (APM), que tem até mesmo um fundo sobre imigrantes, onde a presença do imigrante italiano é a que mais se destaca, que os imigrantes italianos entre os anos de 1892 e 1920 estabeleceram-se em Belo Horizonte com mais de 200 famílias nas colônias ao redor da capital e constituíram boa parte da mão de obra, pois eram muitos pedreiros, ajudantes de construção, alguns engenheiros e arquitetos. Outros estabeleceram-se no setor de panificação, nas oficinas de calçados, nas marcenarias e no comércio. (BIASUTTI, 2003).

Em São Paulo, de acordo com ARAÚJO (1996), o Palestra assumiu o papel de representação do grupo italiano sem cortes regionais, o que não acontecia com outras entidades representativas dos italianos na cidade de São Paulo, que representava os lombardos, os bareses, os vênnetos, os calabreses, dentre outras. Este fato precisa ser melhor investigado em Belo Horizonte, pois a principal instituição que representava os italianos na capital mineira era a “Sociedade Italiana de Beneficência e Mútuo Socorro”. Até o presente momento não tenho indícios de outras associações de apoio mútuo que defendia os interesses dos integrantes da colônia italiana.

Outro aspecto semelhante entre as versões encontradas sobre a fundação dos Palestras, em São Paulo e em Belo Horizonte, diz respeito ao apoio recebido pelas duas

instituições por comerciantes e empresários de destaque nas duas cidades. Se em São Paulo Francesco Matarazzo teria cumprido este papel, em Belo Horizonte há indícios de que alguns comerciantes como Antônio Falci, João Ranieri e Aurélio Noce apoiaram esta idéia de fundar uma equipe de futebol que representasse a colônia italiana na cidade (COUTO, 2003, p.51). No entanto, é importante contestar essas versões, pois é possível levantar alguns questionamentos sobre a possível influência do Palestra de São Paulo no clube fundado em Belo Horizonte, por exemplo: como era o trânsito dos dirigentes da equipe paulistana na capital mineira e vice versa, quais eram as informações e a comunicação entre os representantes da duas entidades, será que esta versão apresentada em livros comemorativos das duas equipes não é uma tentativa de construir uma narrativa que engrandeça a participação de famílias da elite nas duas cidades e construir uma versão mítica e “glamourosa” da história dos referidos clubes?

Em São Paulo, de acordo com ARAÚJO (1996) “O Palestra Itália fora fundado com o objetivo de ser atuante no esporte paulistano, através de um time de futebol, seara que fora forjada pela elite, e que no período estudado ainda a comandava”. Assim, na história de fundação do Palestra de São Paulo, de acordo com os vestígios levantados até o presente momento, não encontrei mais de uma versão para o aparecimento deste clube como em Belo Horizonte. Ou que a criação desta equipe fosse em decorrência da dissociação de equipes já existentes, assim como ocorrera na capital mineira. O que aparece com mais força segundo ARAUJO (1996, p.70) é que:

*Esta associação torna-se uma intrusa no cenário esportivo da cidade de São Paulo, pois a base deste time, diferentemente dos demais integrantes da APSA, era formada por imigrantes italianos, que certamente, na sua esmagadora maioria, não fazia parte das classes abastadas da nossa sociedade.*

Em Belo Horizonte ainda não pude perceber nas fontes esta conotação de clube intruso na cena futebolística da cidade. Entretanto, diferentemente de São Paulo, na capital mineira levanto a hipótese de que neste momento os constrangimentos e as possíveis hostilidades, sofridas pelos membros das colônias italianas que compunham a recém fundada

equipe de futebol, eram mais veladas e sutis e tiveram o foco desviado pelas desavenças entre os jogadores de algumas equipes que tinham em seus quadros membros da colônia italiana.

Segundo RODRIGUES (1981) e LIMA (1996), citados por COUTO (2003), há uma hipótese de que o Palestra em Belo Horizonte originou-se do Yale por volta de 1906, clube fundado por imigrantes ingleses. Entretanto, BARRETO (2000), também citado por COUTO (2003) traz evidências de uma outra versão da história de fundação do Palestra: após uma briga dos jogadores do Yale, os italianos resolveram abandonar o clube (os irmãos Júlio e João Lazarotti, os irmãos Henriqueto e Aduini Pirani e Hamleto Magnavacca) todos da colônia italiana. “Procuraram então italianos de outros clubes, como do Sete de Setembro, do Cristóvão Colombo e por ironia do destino, até atletas do Atlético, o qual, no futuro, se tornaria o maior rival dos italianos” (2003, p.51). O objetivo era fundar um clube que pudesse competir em condições de igualdade com o Atlético e o América, mas que rivalizasse principalmente com o Yale.

Procurando vestígios dos italianos na cena futebolística em Belo Horizonte nas primeiras décadas do século XX, SANTANA (2003, p. 27-28), apresentou uma versão, que precisa ser também verificada com mais afinco, de que antes da fundação do Palestra outras tentativas de fundação de clubes italianos já haviam sido articuladas na capital mineira. Este fato precisa ser melhor investigado, mas se constatarmos que efetivamente aconteceu desde 1907 um projeto de clube italiano em Belo Horizonte, isto significa que esta idéia teria se originado em Minas e não em São Paulo, como anunciado em diversos momentos por diferentes atores sociais, que, como já foi abordado neste trabalho, afirmam que a criação do Palestra mineiro teria sido inspirada pela fundação do Palestra em São Paulo em 1914.

*O primeiro projeto de clube italiano foi o Americano Foot Ball Club, que jogou poucas partidas em 1907. Como não deu certo, os jovens italianos se dispersaram pelas várias agremiações da cidade. O Yale, estabelecido em 1910, no Barro Preto, foi o que recebeu a maioria desses jovens. Em 1916, jogadores italianos de vários clubes organizaram o Scratch Italiano, que também não foi muito longe. Em 1918, a criação do Palestra Brazil, inspirado no Palestra Itália fundado, quatro anos antes em São Paulo, também resultou em frustração (SANTANA 2003, p.27-28).*

Interessa-me, sobretudo, conhecer também a história desses clubes de italianos que “não deram certo”<sup>11</sup>, quais foram as dificuldades dos italianos para se organizarem num clube, quais os empecilhos, resistências e entraves enfrentados pelos italianos no dia-dia na capital mineira e na capital do estado de São Paulo, bem como buscar informações que dêem subsídios à compreensão dos antecedentes da fundação do Palestra Itália em São Paulo, e se houveram outras equipes de italianos na realidade paulistana.

A partir das possíveis versões para a fundação do Palestra Itália na cidade de Belo Horizonte, um fato deve ser considerado de extrema relevância, pois o Palestra Itália de São Paulo sagrou-se campeão da cidade de São Paulo pela primeira vez em 1920. No meu entendimento, este êxito esportivo alcançado pelo Palestra na capital paulista pode ter motivado os imigrantes italianos na capital mineira a seguirem o mesmo caminho e desejarem a fundação de um clube de futebol que representasse a colônia italiana em Belo Horizonte.

É importante salientar que o próprio COUTO (2003, p.50) sustenta na sua pesquisa de mestrado que a Società Sportiva Palestra Itália, atual Sociedade Esportiva Palmeiras, fundada em 1914 em São Paulo teria despertado as aspirações do enorme contingente de imigrantes italianos da cidade mineira. E afirma que:

*O Palestra de São Paulo possuía um estatuto com objetivos bem definidos: congregação, confraternização, socialização dos italianos e descendentes através do futebol. Segundo Carlos Ribeiro, o caráter restritivo do clube se cristalizava em uma das cláusulas do estatuto, no qual estava previsto que “o elenco do time de futebol só poderia ser composto por italianos ou descendentes”. É possível afirmar, portanto, que, o ideal de se criar um clube exclusivamente para italianos e descendentes, foi o que delineou o espírito da fundação do Palestra, em Belo Horizonte. (p.50)*

De acordo com Carlos Ribeiro, citado por COUTO (2003, p.51), os mineiros enviaram para São Paulo um pedido para que os italianos enviassem uma cópia do estatuto

---

<sup>11</sup> Esse debate remete-nos a todo um movimento de renovação historiográfica, ou como diz PESAVENTO (2005, p.32), “Em síntese, historiadores franceses dos Annales e historiadores ingleses neomarxistas trabalhavam, do final dos anos 1960 aos anos 80, com uma história social que avançava para os domínios do cultural, buscando ver como as práticas e experiências, sobretudo dos homens comuns, traduziam-se em valores, idéias e conceitos sobre o mundo”.



do clube. E a partir deste estatuto os entusiastas pela fundação do Palestra Itália em Belo Horizonte fizeram uma cópia fiel, copiando até mesmo o nome da equipe.

### **Considerações finais**

As semelhanças quanto aos processos de urbanização, de transformação e de consolidação das duas capitais dos estados de Minas Gerais e de São Paulo diferem principalmente no volume da ocupação do território e na intensidade da adesão ao novo. Como visto acima, São Paulo recebeu uma quantidade de imigrantes bem superior à Belo Horizonte, e, também por isso, a rápida aceitação de preceitos modernos e de uma cultura urbana inspirada nas cidades europeias, que refletiu na fundação de entidades com o propósito de reuni-los e protegê-los mutuamente. Dentre estas entidades o Palestra Itália de São Paulo destacou-se por conseguir reunir os membros da colônia italiana, sem fazer distinção pela procedência regional. Desta forma o Palestra de São Paulo influenciou a criação do Palestra em Minas Gerais e é possível afirmar pelas fontes analisadas que esta instituição contribuiu significativamente para a aceitação dos membros da colônia italiana em São Paulo e em Belo Horizonte, embora seja possível também constatar algumas hostilidades sofridas pelos mesmos, fruto da rivalidade que também já estava presente no campo esportivo.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- ARAÚJO, José Renato de Campos. **Imigração e futebol: O caso Palestra Itália**. Dissertação (Mestrado).Unicamp. Campinas, SP, 1996.
- BARRETO, Abílio. **Bello Horizonte: memória histórica descritiva**. Belo Horizonte, Livraria Rex, 1936 – 2v.
- BIASUTTI, Luiz Carlos. (2003), **Roteiro dos italianos e seus descendentes em Minas Gerais: subsídios para uma história da imigração italiana**. Belo Horizonte: UNA.
- CAPRARO, André. In: MALTA, Pedro Paulo. **Bem vinda baderna: aos poucos, a cultura italiana foi se integrando à brasileira no carnaval, no cinema, na música e até no futebol**. Revista de História da Biblioteca Nacional. Ano 6. número 72, setembro de 2011.



COUTO, Euclides de Freitas. **Belo Horizonte e o Futebol: integração social e identidades coletivas (1897-1927)**. Dissertação (Mestrado em História) – PUC-MG, Belo Horizonte, 2003.

JULIÃO, Letícia. **Sensibilidades e representações urbanas na transferência da capital de Minas Gerais**. *História* (São Paulo) v.30, n.1, jan/jun 2011.

LE VEN, Michel Marie. **As classes sociais e o poder político na formação espacial de Belo Horizonte (1893-1914)**. Dissertação (Mestrado em Ciência Política). FAFICH, UFMG, 1977.

MONTEIRO, Norma de Góes. **Imigração e colonização em Minas (1889-1930)**. Editora Itatiaia Ltda. Belo Horizonte – Rio de Janeiro. 1994.

PESAVENTO, Sandra J. **História e História Cultural**. 2. ed. Ed. Autêntica, 2005.

QUEIROZ, Suely Robles Reis de. **Política e poder público na Cidade de São Paulo: 1889-1954**. In: *História da Cidade de São Paulo*, v.3: a cidade na primeira metade do Século XX/ organização Paula Porta. – São Paulo : Paz e Terra, 2004.

RAGO, Margareth. **A invenção do cotidiano na metrópole: sociabilidade e lazer em São Paulo, 1900-1950**. In: *História da Cidade de São Paulo*, v.3: a cidade na primeira metade do Século XX/ organização Paula Porta. – São Paulo : Paz e Terra, 2004.

RIBEIRO, Raphael Rajão. **A bola em meio a ruas alinhadas e uma poeira infernal: os primeiros anos do futebol em Belo Horizonte (1904-1921)**. Dissertação (Mestrado em História). Belo Horizonte: FAFICH/ UFMG, 2007.

RODRIGUES, Marilita A. A. **Constituição e enraizamento do esporte na cidade: Uma prática moderna de lazer na cultura urbana de Belo Horizonte (1894-1920)**. Tese (Doutorado em História). UFMG, Belo Horizonte, 2006.

SANTANA, Jorge. **Páginas heróicas: onde a imagem do Cruzeiro resplandece**. Coleção Camisa 13, São Paulo 2003.

SEVCENKO, Nicolau. **A metrópole irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio**. In: (Org.) **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, v. 3.

THEML, Neide & BUSTAMANTE, Regina Maria da Cunha. Editorial: **História Comparada: olhares plurais**. PHOINIX 10: 2004